



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO

CENTRO DE LETRAS E ARTES

ESCOLA DE LETRAS

CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS – LICENCIATURA

**EDUCAÇÃO BANCÁRIA COMO ELEMENTO
PEDAGÓGICO NA LITERATURA DISTÓPICA**

FERNANDO LUCIANO MAGALHÃES JUNIOR

RIO DE JANEIRO

AGOSTO DE 2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO

CENTRO DE LETRAS E ARTES

ESCOLA DE LETRAS

CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS – LICENCIATURA

**EDUCAÇÃO BANCÁRIA COMO ELEMENTO
PEDAGÓGICO NA LITERATURA DISTÓPICA**

FERNANDO LUCIANO MAGALHÃES JUNIOR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora como um dos requisitos para obtenção do Grau de Licenciado em Letras, realizado sob orientação da Professor Doutor Gustavo Naves Franco.

RIO DE JANEIRO

AGOSTO DE 2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DE LETRAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS – LICENCIATURA

**Educação bancária como elemento
pedagógico na literatura distópica**

por

Fernando Luciano Magalhães Junior

Trabalho de Conclusão de Curso

BANCA EXAMINADORA

Orientador

Professor Doutor Gustavo Naves Franco

Membro da banca

Professor Doutor Diego da Silva Vargas

RIO DE JANEIRO

AGOSTO DE 2023

**Sinto saudades das bombas
Que caiam sem fim
Quando parou de chover
Haviam novos poderes
Para os mesmos senhores
E somente nós perdemos tudo
Agora varremos muito mais
Nasceu saudosismo; deveria fermentar ódio**

AGRADECIMENTOS

À UNIRIO, pois sem ela não teria a mesma experiência educacional emancipadora e de qualidade que tive.

Ao professor Gustavo Naves, por me orientar e me auxiliar nesse processo difícil de pesquisa, pelas contribuições que fez durante todo o processo, e por suas aulas de literatura que me inspiraram em seguir o caminho de pesquisa literária.

Ao professor Diego Vargas, por ter participado da banca examinadora e orientado em meu primeiro projeto de iniciação científica, que acabou contribuindo para a ideia desta pesquisa.

A meus professores, que me abriram o espaço de sala para uma educação verdadeiramente libertadora, em especial aos professores: Giselle, Ana, Carla, Marcelo, Elizabeth e Luciana.

Aos meus amigos e colegas, em especial aos que fiz amizade no curso de letras, como Andrew, Maria, Dora, Rafaela, Laura, Daniela, Larissa, Bruno, Cassius, Julia, Malena, e Deborah, pois foram meu alicerce durante boa parte do meu percurso universitário, além de me mostrarem que a vida pode ser um pouco mais leve (e menos distópica).

Também marco a importância de outros amigos que também participaram da construção deste trabalho: Pedro, Yasmin, Lucas, Nathan, Carlos e Carolina.

A meus amigos que não participaram desta pesquisa, mas também estiveram presentes quando eu mais precisei.

À minha família.

A todos os educadores que continuam lutando por uma educação libertadora

Ao Paulo Freire.

E por fim, agradeço à Zona Oeste e à Zona Sul, pois foi no conflito de lugares que percebi o espaço que vivo.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar o gênero distópico presente em três livros, sendo eles Admirável Mundo Novo (HUXLEY, 1932), Divergente (ROTH, 2011), e Fahrenheit 451 (BRADBURY, 1953), e compreender como esses livros trabalham com o tema da educação. A pesquisa se baseia nos conceitos pedagógicos de Paulo Freire de educação bancária e da educação libertadora, dando ênfase a como a análise da relação entre educação e distopia pode auxiliar na compreensão de como a educação é utilizada na sociedade contemporânea. Ao explorar essas obras, pretendemos ampliar nossa compreensão sobre como a educação é retratada e manipulada em sociedades distópicas, bem como compreender suas implicações para o nosso próprio contexto atual.

Palavras-chave: Distopia, educação bancária, educação libertadora, Paulo Freire, Admirável Mundo Novo, Divergente, Fahrenheit 451.

ABSTRACT

The present work aims to analyze the dystopian genre present in three books, namely *Brave New World* (HUXLEY, 1932), *Divergent* (ROTH, 2011), and *Fahrenheit 451* (BRADBURY, 1953), and to understand how these books deal with the theme of education. The research is based on Paulo Freire's pedagogical concepts of banking education and liberating education, emphasizing how the analysis of the relationship between education and dystopia can help us understand how education is used in contemporary society. By exploring these works, we intend to broaden our understanding of how education is portrayed and manipulated in dystopian societies, as well as comprehend its implications for our own current context.

Keywords: Dystopia, banking education, liberating education, Paulo Freire, *Brave New World*, *Divergent*, *Fahrenheit 451*.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	9
1.1 O que é uma distopia?.....	11
2. Literatura distópica e como abordam o tema da educação.....	16
2.1 Admirável Mundo Novo.....	18
2.2 Divergente.....	22
2.3 Fahrenheit 451.....	25
3. A educação não distópica.....	28
4. Considerações finais.....	32
5. Referências Bibliográficas.....	34

1. Introdução

“Entre os antídotos para o fanatismo estão o humor, o ceticismo e a argumentatividade”
(OZ, 2016, p. 28)

O presente estudo pretende investigar o papel da educação na literatura distópica, a partir da leitura dos três livros renomados da literatura distópica *Admirável Mundo Novo* (HUXLEY, 1932), *Divergente* (ROTH, 2011), e *Fahrenheit 451* (BRADBURY, 1953), compreendendo que todos esses livros foram feitos a partir de concepções presentes nas épocas de que foram escritos, ligados às circunstâncias que os autores conheciam e vivenciaram. Ao reconhecer a temporalidade dessas obras, é possível perceber que o que poderia ser considerado “distópico” para esses autores já não possui a mesma concepção do que seria uma distopia nos tempos contemporâneos, isso pode ser mais evidenciado após o avanço da tecnologia. Entre a publicação de cada livro houveram mudanças significativas para a sociedade, modificando muitas formas de como vivemos e interagimos, como por exemplo o celular, a internet e as redes sociais, que não existiam ou estavam menos presentes socialmente até o momento da publicação desses três livros distópicos.

A literatura distópica cria um universo onde os valores representados possuem características negativas, uma visão inspirada da utopia, e, nesses livros citados anteriormente, as sociedades que são representadas, por mais similares que sejam da nossa, mudaram drasticamente, com uma sociedade mais autoritária, com a censura sendo um forte elemento para a manutenção dessa sociedade distópica.

Os livros *Admirável Mundo Novo*, *Divergente*, e *Fahrenheit 451* contam sobre um mundo que já foi similar ao nosso, mas que se distanciou para uma distopia através de elementos estruturais, sociais e organizacionais, e em algumas ocasiões a mudança de pequenos elementos conseguiram alterar a nossa realidade para uma distopia, como em *Fahrenheit 451*, que a proibição de livros e modificação das mídias foram as maiores responsáveis para a transformarem desse universo em uma distopia, mesmo que outros elementos também sejam relevantes para esse distanciamento da nossa realidade. Porém, algo que é relevante perceber sobre esses livros é qual foi o papel da educação para a transformação de uma sociedade similar a nossa para uma distopia.

A educação já é amplamente reconhecida por sua importância na conscientização e no desenvolvimento do aprendizado. Com a importância que a educação tem, não é estranho que autores que trabalham com o gênero da distopia a utilizem como um elemento que modificou

as estruturas sociais dentro de seus universos ficcionais. Esta pesquisa pretende investigar sobre como os livros *Admirável Mundo Novo*, *Divergente*, e *Fahrenheit 451* abordam o tema da educação, sendo então necessário investigar a partir de três principais objetivos: qual papel da educação nesses livros, quais concepções pedagógicas estão presentes, e os impactos da educação na estrutura social e individual desses livros.

Esta pesquisa busca analisar criticamente as concepções pedagógicas observadas nos livros distópicos citados anteriormente, comparando a metodologia distópica para a “educação” com a metodologia e as concepções pedagógicas aplicadas nas escolas brasileiras. Além disso, perceber, através de uma visão Freiriana (FREIRE 2004; 2008; 2022a, 2022b), como o conceito de *educação bancária* pode ser percebido tanto nas escolas brasileiras quanto nos livros distópicos.

A sociedade, em seus diversos aspectos, passou por diversas etapas e transformações, como também recebeu diversas análises sobre as mesmas. A literatura, ao longo dos séculos, tem sido uma poderosa ferramenta de expressão e reflexão sobre a condição humana e a sociedade. Entre os diversos gêneros literários, a distopia desponta como uma forma intrigante de explorar mundos sombrios e, em alguns casos, totalitários, em que a humanidade se depara com desafios opressores e enfrenta dilemas éticos e morais perturbadores. Essas obras, muitas vezes ambientadas em sociedades totalmente imaginárias – diferente de casos em que o enredo se passa em um local ou país real, mas com algumas mudanças – desvelam análises incômodas sobre nossa própria realidade e instigam questionamentos profundos sobre o rumo que a humanidade pode tomar.

Ao analisar obras literárias distópicas, podemos questionar os desafios que enfrentamos como sociedade, ao mesmo tempo, vislumbrar possibilidades surrealmente catastróficas, porém próximas do nosso imaginário de “até onde” podemos chegar como sociedade. Além de pensar sobre as possibilidades que podemos tomar para nos transformarmos em uma distopia, é relevante pensar em como uma distopia se torna realmente distópica, que elementos foram usados para moldar a sociedade e o mundo.

Muitas obras distópicas trabalham sobre a ideia de uma narrativa futurista, em que o mundo como conhecemos passou por alguns eventos que o tornaram distópico, trazendo a perspectiva sobre as possibilidades que a realidade pode tornar até se tornar distópica. Essa possibilidade futurista, mesmo carregada de fantasia, encarrega uma crítica fundamental dos cuidados que devemos ter como sociedade, para que não exista um futuro demasiadamente ruim.

1.1 O que é uma distopia?

Antes de analisar as distopias e suas questões narrativas, é fundamental compreender profundamente o que é uma distopia. A história da distopia está intrinsecamente ligada à utopia. No clássico livro "Utopia" de Sir Thomas More é apresentada uma ilha onde tudo é perfeito, uma sociedade harmoniosa e equilibrada, governada pelo uso da razão. A obra aborda diversos aspectos e faz uma clara crítica à Inglaterra. Um fator interessante é que um dos aspectos mais marcantes desse gênero é o próprio título "Utopia". Esse termo é uma junção de dois termos gregos, "u", que denota negação, e "tópus", que significa lugar. Portanto, a utopia pode ser interpretada como "não lugar", sendo um lugar que não existe ou é impossível de existir, justamente porque funciona com um sentido de "é bom demais para ser verdade". Esse significado enriquece a compreensão da utopia como um lugar ideal, porém inalcançável, o que muitas vezes leva ao uso pejorativo do termo, por representar algo que não é real. No entanto, é justamente nesse aspecto "pejorativo" que se encontra o gênero distópico.

O termo "distopia" também possui uma construção etimológica similar ao de "utopia". O prefixo "dis" em grego carrega o sentido de doença, anormalidade, mal funcionamento e outros termos pejorativos. Sua combinação com "tópus" cria a noção de "lugar doente", "lugar ruim" ou até mesmo algo "fora do seu lugar", apresentando um sentido mais objetivo do que a utopia. Assim, a própria definição de distopia já indica a direção que o gênero estabelece: a construção de um mundo ruim. "O termo é, portanto, um desvio da palavra e do conceito de utopia, mas não seu antônimo, uma vez que, em uma leitura meramente superficial e etimológica, percebe-se que a distopia existe enquanto materialização, ao contrário do não-lugar" (Marques; Buchweitz, 2020, p. 8).

É importante ressaltar que o termo distopia é considerado como um gênero literário, mas ainda há discordâncias. Muitos acreditam que se trata somente de um tema, ou até mesmo um subgênero, como também vai além do alcance literário, sendo utilizado em outras artes, como filmes, séries e músicas, além de servir como uma ideia para criticar situações reais, aparecendo o termo "distopia" em jornais tratando de assuntos extremos. Contudo, buscando outros fatores de pesquisa, e considerando sua complexidade e capacidade de debate, neste trabalho a distopia será considerada como um gênero literário.

Um fator relevante em ambos os gêneros é a comparação entre o mundo ficcional e a realidade. Se a utopia representa um mundo ficcional melhor em comparação com a realidade, a distopia representa um mundo ficcional pior do que a realidade. Portanto, percebe-se que não existe distopia ou utopia sem a referência à realidade. No entanto, a "realidade" estabelecida

varia em cada obra, pois a vivência de cada autor é moldada pelo seu tempo e pelos eventos que testemunhou. Assim como Thomas More escreveu "Utopia" como uma crítica ao governo inglês, o texto teria sido diferente se fosse escrito em outra época ou por outra pessoa.

Além da comparabilidade com a realidade, observa-se que a distopia também serve como uma ferramenta crítica. Ao construir um universo ficcional extremamente ruim, muitas vezes o texto aborda situações consideradas prejudiciais e negativas que a sociedade enfrentava no momento em que a obra foi escrita. A distopia estabelece uma relação íntima com a realidade temporal, criticando-a e expondo suas falhas.

No entanto, embora alguns temas degradantes e ruins sejam comuns nas distopias, isso não significa que sejam os únicos requisitos nesse gênero. A presença de uma sociedade ruim ou temas catastróficos pode caracterizar uma distopia, mas também pode ser simplesmente uma narrativa triste e angustiante. Portanto, surge a questão: é possível definir o que é uma distopia? O entendimento desse gênero está enraizado em suas características mais comuns, que tornam mais tangível a definição do que é uma distopia.

A estrutura distópica se estabelece de diversas maneiras, dentro da criação do gênero pode-se perceber que “as distopias sempre são respostas contemporâneas a angústias e tensões políticas contemporâneas ao momento de sua produção” (Marques; Buchweitz, 2020, p. 8). O que se percebe é sua característica fundamental como uma “tarefa crítica” dentro do meio literário; este gênero busca estabelecer uma visão do autor quanto aos problemas percebidos por ele e em sua época, assim “a narrativa distópica busca chamar nossa atenção para as relações heterônomas entre subjetividade, sociedade, cultura e poder” (HILÁRIO, 2013, pág. 203). Essas relações também foram vistas de formas diferentes com o tempo, enquanto as tensões sociais se caracterizavam por uma forma mais totalitária de poder, era notório que os temas distópicos eram focados nesse debate, mas com o avanço tecnológico, já se discute questões com temas para questões do que se entende como humano.

Contudo, não é defendido aqui que o gênero distópico está preso a seu contexto de escrita e com o pensamento de seus escritores, concordando com Rafael da Cunha Duarte Francisco quando diz que “nenhuma literatura pode ser somente o fruto de seu tempo e da condição social de seu escritor” (2014, pág. 13), pois a crítica e caráter distópico extrapola sua própria época, permanecendo atual e ativador do imaginário da possibilidade humana.

As distopias, além de apresentarem críticas sobre questões temporais e sociais específicas, possuem elementos distintos. Entre eles, destaca-se a falta de liberdade, que pode se manifestar tanto na ausência de liberdade individual como na supressão da liberdade coletiva.

O conceito de liberdade pode ser vago nos livros, afinal, “liberdade” não possui uma definição única, o que é mais perceptível é que a liberdade possui interpretações do que o autor considera ser livre. O controle excessivo, muitas vezes exercido pelo Estado, é outro aspecto comum nas distopias. Além disso, a presença de tecnologias avançadas em cenários específicos auxilia na construção de uma sociedade distópica. Por fim, há um elemento mais fantasioso, que é essencial para identificar uma distopia. Se uma narrativa se aproxima demasiadamente da realidade, torna-se uma mera documentação dos fatos. A distopia se revela quando a história se distancia o suficiente da realidade para criar um ambiente ficcional marcado por elementos fantasiosos. No entanto, a linha que separa a quantidade de elementos ficcionais necessários para uma distopia pode ser tênue e volátil, variando de acordo com a trama e o contexto em que a história se desenrola.

A literatura distópica, em suas diversas propostas, está ligada a uma estrutura fundamentada em diversos níveis, indo além de uma simples proposta imaginária. “Não se trata de profetizar o futuro a partir de um conjunto de intuições pessoais, mas ser capaz de validar retoricamente, a partir do poder concedido pelas mais diversas teorias científicas, suas propostas” (FRANCISCO, 2014, pág. 1). O que se infere como uma “boa” distopia é sua capacidade de fundamentação de sua narrativa, usando de propostas lógicas, mesmo que nefastas, se afastando de fantasias desapegadas da realidade. A materialidade de uma distopia é o que a torna sua proposta crítica mais acurada e bem analisada, tornando sua proposta de mundo uma fonte de estudo e análise mais complexa.

Em histórias com distopias que abordam tiranias, governos totalitários ou alguma forma de força opressiva que torna a vida mais severa, o tema do totalitarismo se destaca como uma questão crucial nesses universos distópicos. A crítica construída na narrativa é um dos elementos mais marcantes nas distopias, e a falta de liberdade individual é frequentemente explorada, assim como as críticas ao totalitarismo.

No livro "As Origens do Totalitarismo" de Hannah Arendt, a autora analisa profundamente as raízes e o desenvolvimento histórico dos regimes totalitários, como o nazismo. Suas reflexões sobre a emergência de sistemas políticos extremos e a natureza do poder totalitário contribuem para a compreensão do totalitarismo como um tema recorrente nas distopias. A obra de Arendt oferece uma base para explorar as dinâmicas e os perigos do totalitarismo presentes nas narrativas distópicas, mas sendo compreendido que as críticas de Arendt não se estabelecem de maneira uniforme com esta pesquisa quanto ao tema do totalitarismo. O que se estabelece aqui como totalitarismo é um controle e impulsionamento

das massas, sendo um movimento dependente das massas para se controlar as próprias massas, se caracterizando por sua capacidade de manipulação e de feitos extremistas.

Em muitas distopias, os governos totalitários exercem um controle abrangente sobre a vida dos cidadãos. Eles estabelecem estruturas opressivas de vigilância e manipulação, restringindo a liberdade de expressão, o acesso à informação e até mesmo os pensamentos, as formas de atividades e espaços coletivos também são restringidos, mudados ou proibidos. Através da supressão das liberdades fundamentais, esses governos buscam moldar e controlar a sociedade de acordo com seus próprios interesses. A crítica ao totalitarismo é frequentemente representada através da exploração dessas restrições e do impacto que elas têm sobre as personagens e suas lutas pela liberdade, como também na capacidade de que uma distopia utiliza da população para o controle da própria população.

Ao examinar os fatores que servem de base para a construção do gênero distópico, é importante considerar como seus enredos são desenvolvidos e compreender a forma como esses universos distópicos surgem. Um dos aspectos cruciais na estrutura narrativa de uma distopia é a explicação de como esse universo funciona e como ele se tornou distópico, pois se trata de uma realidade distante da conhecida pelo leitor. A compreensão das origens e da evolução desse mundo distópico enriquece a imersão na narrativa e permite uma reflexão mais profunda sobre as questões abordadas.

Assim como em muitas narrativas de romance, o gênero distópico segue uma cronologia de eventos. Em algumas obras, podemos observar uma ruptura clara entre um universo não distópico e a transformação subsequente em um universo distópico. Essa transição evidente permite uma compreensão mais clara dos motivos que levaram a esse estado de distopia. No entanto, nem todas as histórias distópicas fornecem uma explicação explícita sobre essa ruptura, deixando em aberto como exatamente ocorreu a transformação para esse estado distópico. Essa falta de clareza pode gerar um ambiente de suspense e mistério, como também estender o sentimento de agonia, característico do gênero, para além do texto.

Cada texto distópico apresenta uma explicação e uma história diferentes sobre o funcionamento distópico de seu próprio mundo. Essas diferenças permitem uma apreciação das características únicas de cada história. É imprescindível compreender o caminho de identificação das características comuns que cada narrativa utiliza de maneiras distintas, a fim de compreender as abordagens diversas do gênero. Uma dessas características a ser observada é o papel da educação nas distopias, pois a forma como a educação é estruturada e controlada

nesses universos distópicos revela muito sobre o controle exercido pelo Estado e a supressão da liberdade intelectual dos cidadãos.

2. Literatura distópica e como abordam o tema da educação

Em um gênero literário caracterizado pela repressão, não é incomum que alguns temas se destaquem na construção do gênero. Diversos temas, como o totalitarismo, são comumente lembrados ao pensar em distopia, contudo, se faz necessário pensar como fica o papel da educação nesse gênero.

A distopia se constrói a partir de diversos mecanismos de ataques, como também de uma defesa de si mesma, uma relação de destruir o que não é distópico para se criar e defender o que é distópico. Uma distopia não pode conviver com setores que a desafiam, e por isso, é necessário que sejam destruídos ou oprimidos. Entendendo que a educação como uma prática libertadora é inimiga da opressão, uma vez que “na medida em que deixam em cada homem a sombra da opressão que o esmaga. Expulsar esta sombra pela conscientização é uma das fundamentais tarefas de uma educação realmente liberadora” (FREIRE, 2022a, p. 53). Assim, torna-se necessário para uma distopia que pretende se estabilizar e se fixar socialmente oprimir tudo que é fundamentalmente contra a opressão.

Quando se oprime aquilo que é libertador, deve-se oprimir também a educação que é libertadora. Porém, é possível perceber que a educação pode aparecer, direta ou indiretamente, em enredos distópicos. Muitas vezes na figura do professor ou de algo reconhecido como passível de aprendizado, como os livros. O que ocorre, é que nem toda educação é libertadora, e, inclusive, também pode ser usada como ferramenta opressora de um sistema distópico.

Reconhecendo a educação com a importância que tem, não poderia ser reconhecida como apenas uma ferramenta para a permanência e construção de uma distopia, e sim como a maior, ou uma das maiores ferramentas de controle possíveis em uma distopia.

A educação, dentro de uma distopia, desempenha um papel crucial na moldagem e manipulação das mentes dos indivíduos. O sistema distópico entende que o controle sobre a educação é essencial para perpetuar sua dominação e suprimir qualquer forma de pensamento crítico ou questionamento.

Uma distopia busca controlar o acesso à informação e distorcer o conhecimento de acordo com decisões sem consultas populares. A educação é direcionada para servir aos interesses do regime distópico, transmitindo ideologias e crenças que sustentam a opressão e a submissão dos cidadãos. Os currículos são cuidadosamente projetados para suprimir qualquer conteúdo que possa estimular a resistência ou a busca pela conscientização

Na figura do professor, muitas vezes vemos um agente duplo dentro da distopia. Alguns professores podem aderir ao sistema e se tornar propagadores das ideologias distópicas,

transmitindo uma visão distorcida da realidade e reforçando a submissão dos alunos. Outros professores, no entanto, podem se tornar agentes de resistência, usando a educação como uma forma de despertar consciências, semear sementes de questionamento e promover a busca pela liberdade.

Os livros também desempenham um papel importante na educação distópica. Eles podem ser manipulados ou censurados, permitindo apenas o acesso a obras que sustentam a narrativa desejada. Os livros que encorajam o pensamento crítico, a criatividade ou a busca por conhecimento fora dos limites estabelecidos são proibidos ou suprimidos.

Apesar de todos os esforços do regime distópico para controlar a educação, sempre há a possibilidade de resistência e subversão. A educação libertadora, como mencionada por Paulo Freire (2022a), tem o poder de despertar consciências e capacitar as pessoas a questionarem e desafiar o sistema opressor. Mesmo dentro de uma distopia, pequenos atos de rebelião podem ocorrer a partir da atuação educacional nas mentes daqueles que se recusam a aceitar a opressão como inevitável.

A educação desempenha um papel complexo e contraditório dentro de uma distopia. Ela pode ser usada como uma ferramenta de controle e opressão, mas também tem o potencial de ser uma força libertadora e resistente. A forma como a educação é utilizada em uma distopia depende dos interesses do regime, mas também dos interesses individuais e coletivos daqueles que são oprimidos pelo sistema distópico.

Percebendo os possíveis papéis da educação no gênero literário distópico, compreendeu-se que é necessário buscar objetivos mais específicos e aprofundar-se em obras distópicas. A análise cuidadosa dessas narrativas permitirá compreender as diferentes abordagens e perspectivas sobre como cada mundo ficcional pôde tornar-se distópico. Assim, foram escolhidos três livros que são vastamente reconhecidos como exemplos de literatura distópica, também se percebeu que era necessário que esses livros fossem de épocas diferentes, para que pudessem ser percebidos para além de uma característica de uma determinada época.

2.1 Admirável Mundo Novo

"Admirável Mundo Novo" é um romance distópico escrito por Aldous Huxley e publicado em 1932. A história se passa em um futuro distante, em uma sociedade onde a tecnologia e o controle estatal exercem um poder absoluto sobre a vida das pessoas.

No mundo retratado no livro, a humanidade alcançou a estabilidade e a ordem por meio do condicionamento e do controle estrito de todos os aspectos da vida. As pessoas são criadas em laboratórios e geneticamente projetadas para se adequarem a diferentes classes sociais, como Alfas, Betas, Gamas, Deltas e Epsilons, cada uma com funções específicas na sociedade.

As pessoas são condicionadas desde o nascimento para aceitar seu papel na sociedade e não questionar a autoridade. O uso de drogas, como o "soma", é incentivado para manter as pessoas dóceis e felizes. O sexo é encorajado e promovido como um ato puramente recreativo, sem qualquer conexão emocional, compromisso e de reprodução.

O livro segue a jornada de Bernard Marx, um Alfa que não se encaixa completamente na sociedade e questiona o sistema estabelecido. Ele conhece John, um homem selvagem criado fora da sociedade controlada, e o leva para o "Admirável Mundo Novo". John se choca com a artificialidade e a falta de liberdade dessa nova sociedade.

No romance "Admirável Mundo Novo" de Aldous Huxley, a educação desempenha um papel fundamental na construção de um mundo distópico e controlador. O livro retrata uma sociedade futurista onde as pessoas são condicionadas desde o nascimento para se tornarem cidadãos objetivos, moldados de acordo com os desejos, necessidades e aptidões que o Estado deseja que elas tenham. Esse condicionamento é alcançado por meio de técnicas de condicionamento psicológico e da chamada "hipnopedia".

Em "Admirável Mundo Novo", as diferentes classes sociais têm condicionamentos distintos, cada uma com sua função específica na sociedade. Essas classes são planejadas para terem gostos e aversões específicas, como odiar ou gostar de certos objetos ou hábitos. Esse ódio ou apreciação é "inalteravelmente" condicionado, levando as pessoas a crescerem protegidas contra elementos que sua classe deve evitar, resultando em uma desconexão de qualquer forma de conhecimento ou apreciação dessas áreas. Esse condicionamento cria uma sociedade em que a busca por conhecimento e a conexão com fatores pessoais e únicos são suprimidas, inibindo o desenvolvimento individual e a diversidade de pensamento. Essas distinções de classes são mais notórias fica mais claro em certos trechos:

“Tinham-se condicionado os Gamas, os Deltas e até mesmo os Epsilons a amar as flores — as flores em particular e a natureza selvagem em geral. O fim visado era despertar neles o desejo

de irem ao campo sempre que se apresentasse a ocasião, obrigando-os assim a utilizar os meios de transportes.” (HUXLEY, pág. 32)

É evidente que cada condicionamento tem um interesse por trás dele. As preferências individuais não são aleatórias; há interesses comerciais e logísticos em jogo. Por exemplo, o incentivo para jogar fora objetos usados e usar mais meios de transporte é motivado por interesses do Estado. Se houver uma necessidade ou interesse em determinado campo, as pessoas são condicionadas a suprir essa necessidade, manipulando-as para atender aos propósitos do Estado. No livro as pessoas já possuem propósito desde o nascer, no livro é esclarecido que uma determinada classe vai possuir uma característica muito própria, em que “elas crescerão com o que os psicólogos chamavam um ódio ‘instintivo’ aos livros e às flores. Reflexos inalteravelmente condicionados. Ficarão protegidas contra os livros e a botânica por toda a vida.” (HUXLEY, pág. 31). Todo o condicionamento tem efeito para um determinado grupo e para um determinado propósito.

A “hipnopedia” será base na construção da mentalidade da população, usando de conceitos de condicionamento para funcionar:

“Mas o condicionamento sem palavras é grosseiro e genérico; é incapaz de fazer apreender as distinções mais sutis, de inculcar as formas de comportamento mais complexas. Para isso é preciso palavras, mas palavras sem explicação racional. Em suma, a hipnopedia.” (HUXLEY, pág. 40)

A "hipnopedia", embora seja um conceito psicológico fictício e não respaldado na realidade, é apresentada no livro como um instrumento de educação intelectual. Essa técnica consiste na exposição de crianças a repetições de informações enquanto estão adormecidas, de forma a internalizar essas informações sem uma explicação racional. O objetivo é moldar crenças e comportamentos de maneira sutil, impedindo questionamentos ou compreensão plena do que está sendo aprendido.

Essas repetições desempenham um papel fundamental na criação de um condicionamento profundo e duradouro. Por meio delas, os indivíduos são programados para responder automaticamente a estímulos específicos e adotar certos padrões de pensamento e comportamento. O condicionamento sem palavras é considerado superficial e genérico, sendo as palavras necessárias para inculcar comportamentos mais complexos. Assim, a hipnopédia é uma forma de educação que permite a manipulação das pessoas sem o pleno entendimento delas.

O objetivo final desse condicionamento educacional é criar um "espírito" nas crianças, resultado das sugestões impostas. Esse "espírito" se torna a base para o julgamento, desejos e decisões dos indivíduos ao longo de suas vidas. O Estado se orgulha de ser o sugestor dessas ideias e de moldar as mentes das pessoas de acordo com seus próprios interesses. O resultado é uma sociedade onde o pensamento crítico é suprimido e a vontade individual é subjugada aos propósitos do Estado.

Ao explorar a relação entre distopia e educação, "Admirável Mundo Novo" alerta os perigos de um sistema educacional que busca moldar os indivíduos de acordo com os interesses consumistas e de submissão da população, em vez de promover a liberdade de pensamento, a criatividade e a busca pelo conhecimento. A sociedade distópica retratada no livro é caracterizada por uma conformidade cega, onde as pessoas são privadas da capacidade de questionar e de pensar criticamente sobre as estruturas e valores impostos pelo Estado.

Através da manipulação e do condicionamento desde a infância, o sistema educacional no livro cria indivíduos que são limitados em suas perspectivas, desprovidos de individualidade e dependentes das sugestões e direcionamentos do Estado. O objetivo é produzir cidadãos obedientes, que não questionam o status quo e não buscam a excelência intelectual. O pensamento crítico é considerado uma ameaça, pois pode levar à contestação das estruturas de poder estabelecidas.

A utilização da "hipnopedia" como forma de educação ilustra como o condicionamento psicológico pode ser usado para controlar e manipular as mentes das pessoas. Ao expor as crianças a repetições de informações sem uma explicação racional, o sistema busca internalizar certas crenças e comportamentos de forma subliminar, evitando que os indivíduos desenvolvam uma compreensão crítica do conhecimento que estão recebendo. Essa abordagem visa criar um conformismo automático, em que as pessoas aceitam as informações sem questionar ou refletir sobre elas:

“A soma dessas sugestões seja o espírito da criança. E não somente o espírito da criança. Mas também o adulto, para toda a vida. O espírito que julga, e deseja, e decide, constituído por essas coisas sugeridas. Mas todas essas coisas sugeridas são aquelas que nós sugerimos, nós”
(HUXLEY, pág. 41)

A distopia apresentada em "Admirável Mundo Novo" aborda os perigos de um sistema educacional que busca controlar e limitar a liberdade de pensamento dos indivíduos. A obra faz uma crítica sobre a falta de uma educação que promova a diversidade de ideias, o pensamento crítico e a autonomia intelectual, permitindo que os indivíduos questionem, investiguem e

busquem conhecimento de forma independente. Através desse questionamento e busca pelo desenvolvimento pleno, poder-se-ia evitar a existência de sociedades distópicas onde a vontade individual é suprimida e a manipulação prevalece.

2.2 Divergente

"Divergente" é um livro distópico escrito por Veronica Roth e publicado em 2011. A história se passa em uma Chicago futurista, onde a sociedade é dividida em cinco facções com diferentes valores: Abnegação, Amizade, Audácia, Franqueza e Erudição. Cada facção dedica-se a uma virtude específica, visando a manutenção da paz. "Divergente" é o primeiro livro de uma trilogia, seguido por "Insurgente" e "Convergente".

A protagonista, Beatrice Prior, vive na Abnegação, uma facção voltada para o altruísmo e o serviço aos outros. No entanto, quando chega a idade de dezesseis anos, Beatrice precisa passar por um teste de aptidão que determinará qual facção é a mais adequada para ela. Durante o teste, Beatrice descobre que é uma Divergente, ou seja, não se enquadra em uma única facção, mas possui características de várias delas.

Ao escolher a Audácia, a facção corajosa e destemida, Beatrice muda seu nome para Tris e embarca em uma jornada de autodescoberta e desafios. Ela conhece Quatro, um instrutor misterioso e fascinante, e faz amizades e inimigos dentro da Audácia. Tris enfrenta testes físicos e emocionais enquanto luta para esconder sua natureza divergente, pois essa característica é considerada perigosa pelo governo.

A trama se desenrola com Tris descobrindo uma conspiração liderada pela facção Erudição para tomar o controle de Chicago e eliminar os Divergentes. Tris e Quatro unem forças para enfrentar os desafios impostos pela Erudição, arriscando suas vidas para expor a conspiração e salvar a sociedade que conhecem.

Em "Divergente", a relação entre distopia e educação desempenha um papel central na construção do mundo fictício e no desenvolvimento dos personagens. A sociedade retratada na obra é uma distopia, um cenário futurista em que a educação é utilizada como uma ferramenta de controle e manutenção do sistema de facções.

Cada facção possui um conjunto específico de valores e princípios que são transmitidos por meio da educação. A facção Abnegação, por exemplo, enfatiza o altruísmo e a renúncia de si em benefício dos outros. Os indivíduos são educados desde cedo a colocar as necessidades da comunidade acima das suas próprias. Essa educação molda a visão de mundo dos membros da Abnegação e reforça a estrutura da sociedade, garantindo que essa facção cumpra seu papel de fornecer líderes altruístas para o governo.

No entanto, quando a protagonista Beatrice se une à facção Audácia, ela é exposta a uma forma completamente diferente de educação. Na Audácia, o foco está no enfrentamento do medo e no controle emocional. Os membros são encorajados a superar seus medos por meio

de simulações realistas e a desenvolver habilidades físicas e mentais para enfrentar desafios. Essa abordagem educacional busca criar indivíduos destemidos e capazes de tomar decisões corajosas, o que é essencial para proteger a sociedade em um ambiente distópico.

A mudança de facção de Beatrice, que passa a se chamar Tris, representa uma ruptura em seu processo educacional. Ela questiona os ensinamentos da Abnegação, que lhe ensinaram a ter uma preocupação excessiva com os outros, o que pode ser limitante. Tris se vê confrontada com a necessidade de encontrar um equilíbrio entre o cuidado com os outros e a afirmação de sua própria identidade e desejos. A educação prática e rigorosa da Audácia desafia suas crenças anteriores e a obriga a repensar sua visão de mundo. Porém, mesmo que ocorra uma ruptura, não é uma ruptura educacional libertadora, pois é dito que sua compreensão de mundo deve estar de acordo com o que é dito pelos líderes da facção, como no trecho “se você não conseguir aprender, terá que dar o fora daqui, porque não vamos querer você” (ROTH, 2012, p. 250), enquanto em outro momento deixa claro que não se pode questionar, e que não existe espaço para visões que não estão de acordo com o estabelecido na facção: “a primeira lição que você aprenderá de mim é como manter sua boca calada. Entendeu bem?” (ROTH, 2012, p. 70).

Apesar da possibilidade de mudar de facção, a liberdade das personagens é limitada. Existe uma intenção subjacente de designar a função de cada indivíduo na sociedade, e a influência da comunidade exerce um poder significativo. A ideia de liberdade é relativa, os personagens estão restritos a viver de acordo com um conjunto limitado de ideias representadas por um pequeno número de facções.

A escolha de facções não se trata de uma liberdade completa, afinal, ainda está presa a um campo limitado, e pré-determinado, de opções, que devem vir antes da própria existência, sem espaço para questionamento ou crítica a necessidade dessas facções, isso é deixado claro pela própria protagonista ao comentar sobre a importância das facções:

“Penso no lema que li no meu livro didático sobre a História das Facções: A facção antes do sangue. Mais do que às nossas famílias, pertencemos às nossas facções. Será que isso é realmente verdade?” (ROTH, 2012, p. 49-50)

Além das facções, a educação familiar também exerce um papel fundamental na formação dos personagens. Os ensinamentos e valores transmitidos pelos pais e pela comunidade moldam as percepções e atitudes de Tris e dos demais personagens em relação ao afeto, comportamento e ação. A influência comunitária e familiar é uma força poderosa na determinação do comportamento e do pensamento individual. A protagonista, mesmo que não

queira, se vê obrigada a agir e pensar de determinadas formas por conta da educação que recebeu:

“Eu deveria consolá-lo; deveria querer consolá-lo, pois fui educada para isso. No entanto, sinto apenas nojo dele. Alguém com uma aparência tão forte não deveria se comportar de maneira tão fraca. Por que ele não chora em silêncio como todos nós?” (ROTH, 2012, p. 82)

A relação entre distopia e educação em "Divergente" reflete a maneira como a sociedade pode utilizar a educação como uma ferramenta de controle e conformidade. A educação molda as habilidades, valores e comportamentos dos indivíduos, assegurando que cada facção desempenhe seu papel específico.

Através do choque cultural entre as facções, a protagonista constrói uma compreensão mais ampla e crítica da sociedade em que vive. O mundo distópico constrói a educação não apenas como uma ferramenta de transmissão de conhecimento e habilidades, mas também uma forma de moldar o pensamento e o comportamento dos indivíduos, reforçando a estrutura e as normas sociais estabelecidas.

A distopia apresentada em "Divergente" revela a importância de questionar e desafiar as formas de educação impostas pelo sistema. Ao confrontar diferentes ideologias e experiências educacionais, a protagonista busca encontrar seu próprio caminho e forjar sua identidade, mesmo que não consiga compreender completamente a estrutura de poder estabelecida.

A obra também aborda a questão da liberdade individual dentro de um sistema distópico. Embora haja a opção de mudar de facção, essa liberdade é limitada, pois os personagens são obrigados a se encaixar em uma gama restrita de ideias representadas pelas facções existentes. Isso ressalta a forma como a educação pode ser usada como um mecanismo de controle, restringindo as possibilidades de pensamento e ação dos indivíduos.

A relação entre distopia e educação em "Divergente" destaca a influência significativa que a educação exerce na formação dos personagens e na estrutura da sociedade. Ela aborda a importância de questionar e desafiar as normas educacionais estabelecidas, bem como a necessidade de encontrar um equilíbrio entre o cuidado com os outros e a afirmação da própria identidade. Ao explorar esses temas, a obra aborda sobre como as pessoas são criadas e como podem se tornar uma limitação das vontades pessoais e as características próprias, negando sua própria existência para se impor metas pré-estabelecidas criadas através de influências, governamentais, sociais e familiares, moldando a forma de viver para se encaixar no que se é comum, para atingir as expectativas planejadas para cada grupo de indivíduos.

2.3 Fahrenheit 451

"Fahrenheit 451" é um romance distópico escrito por Ray Bradbury e publicado pela primeira vez em 1953. A história se passa em uma sociedade futurista em que os livros são proibidos e a queima deles é uma prática comum.

O protagonista, Guy Montag, é um bombeiro, profissão que agora é encarregada de queimar os livros, em vez de apagar incêndios. Ele vive em um mundo superficial, controlado pelo governo, em que a mídia e o entretenimento vazio são promovidos para manter as pessoas alienadas e ignorantes.

Conforme a trama se desenvolve, Montag começa a questionar sua vida e a sociedade em que vive. Ele conhece uma jovem chamada Clarisse McClellan, que o faz refletir sobre as coisas importantes que estão ausentes em sua vida. Ele começa a roubar e ler livros em segredo, o que o leva a se rebelar contra o sistema.

A esposa de Montag, Mildred, está profundamente imersa no mundo das telas de televisão, anestesiada pelas pílulas de felicidade que toma regularmente. Ela não consegue entender por que Montag está mudando e se distancia dele.

Conforme Montag continua sua jornada de descoberta, ele encontra um grupo de pessoas que memorizam e preservam livros. Eles são conhecidos como "homens-livros" e acreditam que a literatura é a chave para a salvação da humanidade. Montag se junta a eles e aprende a importância do conhecimento, do pensamento crítico e da liberdade intelectual.

No entanto, o governo percebe a ameaça que esses indivíduos representam para a ordem estabelecida e inicia uma caçada implacável aos "homens-livros". Montag é perseguido e forçado a fugir para sobreviver. A cidade é destruída por uma guerra, simbolizando a decadência e a autodestruição da sociedade.

No universo distópico de "Fahrenheit 451", a relação entre a educação e a distopia se aprofunda em sua complexidade. Embora exista uma menção ao espaço escolar, indicando a existência de um sistema educacional, é evidente a falta de interação social e a ausência de diálogo nas atividades educacionais. Os alunos são meros receptores passivos de respostas pré-determinadas, sem oportunidades para fazer perguntas ou participar ativamente do processo educativo. Essa abordagem unidirecional contribui para uma sociedade passiva, na qual as pessoas se tornam incapazes de expressar seus pensamentos e questionar a realidade ao seu redor.

“A escolaridade é abreviada, a disciplina relaxada, as filosofias, as histórias e as línguas são abolidas, gramática e ortografia pouco a pouco negligenciadas, e, por fim, quase totalmente ignoradas. A vida é imediata, o emprego é que conta, o prazer está por toda parte depois do

trabalho. Por que aprender alguma coisa além de apertar botões, acionar interruptores, ajustar parafusos e porcas?” (BRADBURY, pg. 78)

Nesse mundo distópico, o sistema de escolaridade é reduzido e as disciplinas são negligenciadas. O foco da sociedade está no trabalho e no prazer imediato, enquanto a importância do conhecimento e da aprendizagem profunda é deixada de lado. A educação é limitada a atividades superficiais, onde tarefas simples e mecânicas são mais valorizadas do que a expansão intelectual. Esse desprezo pelo pensamento crítico e pela busca por um conhecimento mais profundo contribui para a estagnação intelectual e a falta de desenvolvimento da sociedade. A escola é descrita por uma das personagens de forma pejorativa, pautando questões sobre como sua não gosta da educação que recebe:

“Uma hora de aula pela tevê, uma hora jogando basquete ou beisebol ou correndo, outra hora transcrevendo história ou pintando quadros e mais esportes, mas, sabe, nunca fazemos perguntas; pelo menos a maioria não faz; eles apenas passam as respostas para você, pim, pim, pim, e nós, sentados ali, assistindo a mais quatro horas de filmes educativos. Isso para mim não é nada social. Parece um monte de funis e muita água jorrando da torneira, entrando por um lado e saindo pelo outro, e depois eles vêm nos dizer que é vinho, quando não é. Deixam a gente tão atormentada ao final do dia que não podemos fazer nada além de ir para a cama ou a um parque de diversões para importunar os outros” (BRADBURY, 2020, pg. 49-50)

Além disso, ocorre a redução e a superficialidade dos textos. Os livros são resumidos e adaptados para formatos rápidos e acessíveis, como programas de rádio de curta duração ou verbetes em dicionários. A falta de acesso a obras literárias completas priva as pessoas da oportunidade de explorar ideias complexas e de se envolver com a profundidade da literatura. Essa abordagem superficial resulta no empobrecimento intelectual da sociedade, com a perda de conhecimentos valiosos que poderiam estimular a reflexão e a compreensão do mundo ao redor.

A figura dos bombeiros ganha uma nova função nessa distopia, pois, em vez de apagarem incêndios, eles têm a missão de queimar livros e eliminar qualquer forma de conhecimento que possa despertar questionamentos e desafiar a ordem estabelecida. A educação é temida e reprimida, pois representa uma ameaça à estrutura autoritária do mundo retratado na obra. O diálogo e a busca pelo entendimento são sufocados, resultando em uma sociedade composta por indivíduos alienados e incapazes de expressar suas próprias ideias. Todo o processo de censura e o estabelecimento de uma educação não questionadora é respaldada por motivações fundamentadas no que o governo compreende como o melhor para

o comportamento da sociedade. Existir uma motivação avança a estética distópica da obra, tornando a crítica e proposta imaginária mais factível e relacionada a realidade:

“Com a escola formando mais corredores, saltadores, fundistas, remendadores, agarradores, detetives, aviadores e nadadores em lugar de examinadores, críticos, conhecedores e criadores imaginativos, a palavra “intelectual”, é claro, tornou-se o palavrão que merecia ser. Sempre se teme o que não é familiar. Por certo você se lembra do menino de sua sala na escola que era excepcionalmente “brilhante”, era quem sempre recitava e dava as respostas enquanto os outros ficavam sentados com cara de cretinos, odiando-o. E não era esse sabichão que vocês pegavam para cristo depois da aula? Claro que era. Todos devemos ser iguais. Nem todos nasceram livres e iguais, como diz a Constituição, mas todos se fizeram iguais. Cada homem é a imagem de seu semelhante e, com isso, todos ficam contentes, pois não há nenhuma montanha que os diminua, contra a qual se avaliar. Isso mesmo! Um livro é uma arma carregada na casa vizinha. Queime-o. Descarregue a arma. Façamos uma brecha no espírito do homem. Quem sabe quem poderia ser alvo do homem lido? Eu? Eu não tenho estômago para eles, nem por um minuto. E assim, quando as casas finalmente se tornaram à prova de fogo, no mundo inteiro — você estava certo em sua suposição na noite passada —, já não havia mais necessidade de bombeiros para os velhos fins. Eles receberam uma nova missão, a guarda de nossa paz de espírito, a eliminação do nosso compreensível e legítimo sentimento de inferioridade: censores, juízes e carrascos oficiais. Eis o nosso papel, Montag, o seu e o meu.” (BRADBURY, 2020, p. 81-82)

A relação entre a educação e a distopia se revela pela manipulação e supressão do conhecimento como ferramentas de controle social. A falta de interação social, a superficialidade dos conteúdos, a redução de conteúdos e a censura dos livros são elementos que contribuem para uma sociedade alienada, desprovida de pensamento crítico e incapaz de questionar o status quo imposto pelas autoridades. A educação é utilizada como uma arma para perpetuar o controle sobre a população, mantendo-a na ignorância e submissão. Embora o livro não utilize a educação de uma forma mais direta e incisiva como uma forma de manipulação, a repressão e diminuição dessa educação são estratégias para assegurar a manutenção do poder e da opressão sobre os indivíduos.

3. A educação não distópica

A educação é um conceito complexo que abrange diversos aspectos e perspectivas, tornando-se difícil defini-la de forma objetiva. No entanto, ao analisar a educação em uma distopia, é possível identificar certas questões características que são englobadas como parte desse contexto. Em um mundo distópico, caracterizado pela severidade e estruturas autoritárias, é comum o uso de diversas ferramentas para construir e perpetuar a estrutura distópica, tanto no governo quanto em outras estruturas sociais, como a familiar.

Na educação distópica, os estudantes são moldados para se adequarem ao sistema, sem o estímulo ao pensamento crítico e à expressão individual. A ênfase recai na conformidade, no treinamento para funções específicas e na internalização dos valores e ideologias impostas pelo governo totalitário. Nesse contexto, a educação torna-se uma ferramenta de controle, limitando as perspectivas, reprimindo a criatividade e reforçando a desigualdade social e a falta de liberdade.

O modo que a educação é tratada em uma distopia é semelhante ao que Paulo Freire denomina como “educação bancária”, pois “na visão ‘bancária’ da educação, o ‘saber’ é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão” (FREIRE, pág. 81, 2022b). Como a educação distópica não se constitui na formação de educandos questionadores e críticos, e sim como apenas “depósitos” de conhecimentos que o regime distópico deseja que as pessoas saibam e aceitem, fica claro que sua visão de educação está em uma visão de educação bancária.

A figura do educador não aparece somente na experiência do professor e da sala de aula, o educador aparece justamente no regime totalitário, que é constituído como a fonte do saber máximo e inquestionável. O regime não vê o conhecimento popular como base da educação, não pretende que seu povo se torne questionador, como também teme que esta população perceba que é capaz de questionar, esta figura do regime como educador entende que é o único que pode saber e ditar o conhecimento, na distopia o “educador identifica a autoridade do saber com sua autoridade funcional, que opõe antagonicamente à liberdade dos educandos; estes devem adaptar-se às determinações daquele” (FREIRE, pág. 83, 2022b)

Ao focalizar a análise sobre a educação em uma distopia, torna-se evidente a sua importância e o seu papel na perpetuação do sistema opressor. Paralelos podem ser traçados com o conceito de "educação bancária" discutido por Paulo Freire. Essa abordagem educacional, presente tanto em distopias quanto em algumas práticas da vida real, trata os

estudantes como recipientes passivos, depositando conhecimento neles de maneira unilateral, sem espaço para questionamentos, reflexão crítica ou participação ativa no processo educativo.

“O educador, que aliena a ignorância, se mantém em posições fixas, invariáveis. Será sempre o que sabe, enquanto os educandos serão sempre os que não sabem. A rigidez destas posições nega a educação e o conhecimento como processos de busca” (FREIRE, pág. 81, 2022b). A figura de educador que o regime distópico possui não utiliza da educação apenas como ferramenta de perpetuação de poder, mas sim sua base de existência: a alienação, a ignorância e a opressão tornam-se fundamentais para a própria existência desta distopia, pois, sem elas, não é possível a construção de um regime distópico.

Quando a distopia é encontrada em um regime e que sua distopia ocorre de forma planejada – e não em casos de enredos que a distopia ocorre de forma mais caótica, como em narrativas pós-apocalípticas, que se encontram nesse limiar do que se é ou não distópico – não há como existir sem o uso da educação, justamente porque ela é capaz de romper com o regime distópico, como também é capaz de criá-lo através da construção de uma sociedade “educada” para se tornar passiva o suficiente para aceitar um regime distópico, pois quanto “mais se exercitem os educandos no arquivamento dos depósitos que lhes são feitos, tanto menos desenvolverão em si a consciência crítica de que resultaria a sua inserção no mundo, como transformadores dele. Como sujeitos” (FREIRE, pág. 83, 2022b), e, como sujeitos, seriam capazes de se imporem contra o regime, por isso a necessidade de uma passividade ensinada. Assim, “Quanto mais se lhes imponha passividade, tanto mais ingenuamente, em lugar de transformar, tendem a adaptar-se ao mundo, à realidade parcializada nos depósitos recebidos.” (FREIRE, pág. 83, 2022b)

Como a existência do educador na distopia está ligada na figura de querer impor seu conhecimento, visto como uma verdade absoluta, para o educando, que é visto apenas como uma figura vazia e sem conhecimento, o educador distópico força sua verdade sobre alguém, pelo meio da opressão, sem espaços para questionamentos, o que o torna um ser fanático, justamente porque a “essência do fanatismo reside no desejo de forçar outras pessoas a mudar. [...] O fanático é a menos egoísta das criaturas. O fanático é um grande altruísta. Frequentemente o fanático está mais interessado em você do que nele mesmo” (OZ, 2016, p. 52), esse ser fanático tem um desejo, ou até mesmo uma missão, de mudar o que considera que deve ser mudado, e quando comete atos de violência extrema, como no terrorismo, o fanático não age por ódio, mas sim por convicção de que essas ações salvariam aqueles “inadequados” e “defeituosos”. O fanático é aficionado a olhar para o outro, mas não para si mesmo, por mais

que acredite estar completamente entendido do que é o certo e o que é errado, deseja alcançar o lado bom no outro. O ato fanático é um ato violento, pois o fanatismo é um ato de imposição, não importa se o outro está contente com as próprias ações ou até mesmo se estas ações são malignas à outras pessoas – alguém que “faz mal” a si mesmo não necessariamente o faz a outras pessoas.

Considerando todas as forças que movem o fanático, aparece a dúvida se existe uma forma de curar o fanático, ou defender-se de se tornar um fanático. Para curar o fanatismo, Amós Oz apresenta que “entre os antídotos para o fanatismo estão o humor, o ceticismo e a argumentatividade” (2016, pág. 28), “porque o humor corrói as bases do fanatismo, e a curiosidade agride o fanatismo ao trazer à baila o risco da aventura, questionando, e às vezes até descobrindo que suas próprias respostas estão erradas” (pág. 13).

Se existe uma forma de se combater o fanatismo, então também poderia haver uma forma de combater a distopia, e essa “cura” se dá, justamente no uso da educação, utilizando do humor, ceticismo e argumentatividade.

É essencial reconhecer que a educação não deve ser um instrumento de opressão, mas sim uma fonte de libertação e transformação social. A abordagem de Paulo Freire ressalta a importância da conscientização, do diálogo e da participação ativa dos educandos no processo educativo.

Ao nos afastarmos da perspectiva distópica da educação, abrimos espaço para uma abordagem que valorize a diversidade, a autonomia, a criatividade e a reflexão crítica. A educação libertadora não apenas busca transmitir conhecimentos, mas também estimula os estudantes a se envolverem ativamente na sociedade, a desafiarem as estruturas opressoras e a trabalharem em prol de uma sociedade mais justa e igualitária.

Para remover o fanatismo, e com isso a própria distopia, deve-se pensar em uma educação humanizadora e libertadora. Não educar na perspectiva do “eu”, que é dono da verdade, nem do outro, como vazio e necessitado de uma mudança, e sim no “nós”, em uma educação que ocorre no diálogo e na educação mútua e equivalente, requer ao educador pensar em sua própria função, “exige dele que seja um companheiro dos educandos, em suas relações com estes”. (FREIRE, pág. 86. 2022b).

“O romance distópico pode então ser compreendido enquanto aviso de incêndio, o qual, como todo recurso de emergência, busca chamar a atenção para que o acontecimento perigoso seja controlado, e seus efeitos, embora já em curso, sejam inibidos” (HILÁRIO, 2013, pág. 202). Portanto, a análise da educação em distopias serve como um alerta para os perigos de uma

abordagem autoritária e desumanizadora da educação no contexto brasileiro. Reconhecer a importância de uma educação libertadora é fundamental para evitar a construção de uma possível distopia real, em que a falta de liberdade, a opressão e a conformidade se tornem a norma. Mesmo que aqui esteja sendo debatido a distopia como um gênero literário, é importante ressaltar que a distopia está sempre presente como forma de comparação com a realidade, então, por mais que seja ficcional, é possível pensar em como uma distopia poderia realmente ocorrer, porém, a distopia acaba se tornando eternamente não alcançável, pois deve ser ficcional, então, mesmo que caminhemos para uma distopia real, ela nunca será alcançada, pois uma vez que aconteça já não será mais ficcional, então também não seria mais uma distopia.

A educação é uma ferramenta poderosa para a transformação social e a construção de um mundo mais justo e equitativo, e devemos valorizá-la como um meio de empoderar os indivíduos, promover a igualdade de oportunidades e estimular a reflexão crítica sobre as estruturas sociais.

Em contraste com a educação distópica, a educação libertadora permite que os estudantes sejam agentes ativos na construção do conhecimento, encorajando-os a questionar, a debater ideias e a desenvolver habilidades de pensamento crítico. Ela busca despertar a consciência dos estudantes para as injustiças sociais, incentivando ações transformadoras em busca de um mundo mais inclusivo e humano.

Nesse sentido, é fundamental que os sistemas educacionais no Brasil sejam moldados por valores como a igualdade, a emancipação e a justiça social. Os educadores desempenham um papel crucial nesse processo, pois são responsáveis por criar ambientes de aprendizagem que estimulem a autonomia, a criatividade e o respeito pela diversidade. Eles devem se engajar em práticas pedagógicas que promovam a participação dos estudantes, o diálogo aberto e o desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais.

“Somente quando os oprimidos descobrem, nitidamente, o opressor, e se engajam na luta organizada por sua libertação, começam a crer, em si mesmos, superando, assim, sua ‘convivência’ com o regime opressor” (FREIRE, pág. 72, 2022). Ao valorizar a educação libertadora, estamos construindo uma base sólida para uma sociedade mais consciente, crítica e comprometida com a construção de um futuro melhor. Através dessa abordagem, estamos nos distanciando das características opressivas das distopias, e caminhando para que a educação seja verdadeiramente libertadora e transformadora.

4. Considerações finais

Diante do estudo realizado, o que se destacou foi o espaço pedagógico da própria literatura distópica. Com a pesquisa sobre o tema pedagógico na literatura distópica, também foi possível perceber o quando este gênero literário contribui com a educação.

Enquanto gênero, fortalece o espaço literário em sala de aula e fortalece o debate. Sendo um gênero intenso, aguça os debates e os questionamentos, que são tão importantes para uma educação humanizada.

Enquanto crítica, pôde aguçar os questionamentos de como vemos o trabalho do educador e do aluno a estrutura de poder que é construída em sala de aula. Mesmo que percebemos que a educação deva ser humanizada, nem sempre o professor é capaz de perceber que não está dando espaço para os alunos contribuírem com a própria aula. Por inocência, falta de preparo ou outros tipos de intenções, o educador se vê como responsável de trazer quase todos, ou até mesmo inteiramente, os debates e temas. Em uma vontade quase obsessiva de trazer o questionamento aos educandos, não abrem espaço para que o debate venha de uma contrapartida.

O espaço de sala de aula unilateral não contribui para uma formação contra a opressão, em um debate já trazido por Paulo Freire, e tão comum em distopias: o oprimido, o aluno, ao se formar como alguém que possui influência e poder, mesmo que em graus diferentes, como um professor, se torna o opressor, mesmo que já tenha sido o oprimido. O espaço educacional pode ser feito como um espaço de vingança, mas não irá contribuir positivamente com a educação, nem com a formação pessoal.

Podemos fazer algumas considerações em relação ao que entendemos por educação. Mesmo sendo ficcional, as distopias desempenham um papel crucial ao nos alertar sobre os perigos de determinados caminhos tomados pela humanidade, permitindo-nos compreender as consequências de uma educação opressora e desumanizadora.

Ao analisar as obras distópicas, percebemos que a educação dentro desses cenários é frequentemente moldada para se adequar às necessidades de uma determinada função social. Aqueles que ocupam a função de educandos são tratados como meros receptores de conhecimento, sem espaço para pensamento crítico ou expressão individual. Essa abordagem reflete o conceito de "educação bancária" discutido por Paulo Freire, no qual o conhecimento é imposto de forma autoritária, sem permitir que os estudantes se tornem sujeitos ativos na construção de seus saberes.

Essa relação entre a educação distópica e a "educação bancária" nos alerta sobre os perigos de uma abordagem educacional que não valoriza a autonomia, a criatividade e o pensamento crítico dos estudantes. No mundo real, é essencial reconhecer que a educação não deve ser uma ferramenta de opressão, mas sim uma fonte de libertação e transformação social. Compreender que a educação bancária ainda é utilizada como forma de educação recorrentemente se torna algo preocupante ao pensarmos em como a educação não questionadora é capaz de auxiliar as distopias a existirem na literatura.

O que podemos extrair da análise da pedagogia em distopias é a importância de valorizar uma educação libertadora, que estimule a participação ativa dos estudantes, o diálogo aberto e a reflexão crítica sobre as estruturas sociais. Diante do sucateamento da educação nos tempos atuais, é crucial repensar a forma como estamos abordando a educação.

A observação da literatura distópica nos apresenta possíveis futuros distópicos, nos quais a opressão se torna a norma, e, como projeto de futuro, serve como um aviso, alertando-nos sobre as possíveis consequências de práticas educacionais desumanizadoras e opressoras no mundo real. Como projeto "anti-distópico", os educadores devem ser capazes de capacitar os estudantes para se tornarem agentes ativos na construção de uma sociedade mais justa, igualitária e consciente.

É fundamental que os sistemas educacionais valorizem a diversidade, a autonomia e o pensamento crítico, permitindo que os estudantes se tornem agentes de mudança em suas comunidades. Os educadores desempenham um papel crucial nesse processo, atuando como facilitadores do conhecimento e estimulando o diálogo aberto entre educadores e estudantes.

A educação tem o poder de transformar vidas, mas não moldar o futuro, como diz Freire (2008) "a educação não transforma o mundo, a educação muda as pessoas, e as pessoas transformam o mundo", então, mesmo ao olhar para a educação, devemos pensar em como as pessoas participam da educação, além de sua função básica, já que nas próprias distopias apresentadas aqui se pensava nas funções da educação, mas desfazendo da participação das pessoas. Na distopia a educação não é uma ferramenta de emancipação e empoderamento porque seria uma ferramenta contra a própria distopia.

5. Referências Bibliográficas

- ARENDDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- BENJAMIN, Walter. **Escritos sobre mito e linguagem**. São Paulo: Editora 34, 2011.
- BRADBURY, Ray. **Fahrenheit 451**. São Paulo, Globo, 2020.
- FRANCISCO, Rafael da Cunha Duarte. **Nós somos os mortos: A estética do prognóstico na literatura realista distópica de Aldous Huxley, George Orwell e Yevgeny Zamyatin**. Orientador: Henrique Estrada Rodrigues. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura) Centro de Ciências Sociais – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.
- FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. 49. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022a.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2022b.
- HILÁRIO, L. C. Teoria Crítica e Literatura: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade. **Anuário de Literatura**, [S. l.], v. 18, n. 2, p. 201-215, 2013. DOI: 10.5007/2175-7917.2013v18n2p201. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2013v18n2p201>>. Acesso em: 16/08/2021.
- HUXLEY, Aldous. **Admirável Mundo Novo**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- MADEIRO, Carlos. Se cloroquina não cura covid, por que há "curados" por ela? Ciência explica. **VivaBem**, 2020. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/07/10/se-cloroquina-nao-cura-covid-por-que-ha-curados-por-ela-ciencia-explica.htm>>. Acesso em: 14/05/2021.
- MAGALHÃES, Simone Maria. **Poder e Violência: Hannah Arendt e a Nova Esquerda**. Dissertação de mestrado (Pós-graduação em Ciência Sociais) – Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2008. [Orientador: Dra. Fátima Cabral].
- Marks de Marques, E., & Wickboldt Buchweitz, W. (2020). **DA UTOPIA À TERCEIRA VIRADA DISTÓPICA: UM BREVE PANORAMA**. *Revista Guará - Revista De Linguagem E Literatura*, 9(2), 5–17. Disponível em: <<https://doi.org/10.18224/gua.v9i2.7879>>
- ORWELL, George. **1984**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- OZ, Amós. **Como curar um fanático: Israel e Palestina: Entre o certo e o certo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

ROTH, Veronica. **Divergente**: uma escolha pode te transformar. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2012

SALVADOR, Â D. **Métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica**. Porto Alegre, RS: Sulina, 1982.

SKINNER, Burrhus Frederic. **Sobre O Behaviorismo**. São Paulo: Cultrix, 2002.